

VOZ NEGRA CELESTIAL

- **Saiam daí depressa!**

O *baptismo* de guerra de António Daborda, Augusto Marques e restantes camaradas, embora assustador, não se pode considerar de mau. Pelo menos, não houve qualquer ferido. Embora não tivesse havido qualquer contacto directo com o IN¹, andar embrenhado na selva, deu para perceber de imediato que o perigo é permanente; Uma mina enterrada ou uma granada armadilhada, desfaz em segundos uma vida que veio de longe para uma terra que não lhes pertence há quinhentos anos. Deu para perceber que se houvesse contacto, olhos nos olhos, arma com arma, não saberiam como reagir no meio daquele emaranhado da floresta! - *É como estar em hora de ponta no meio de uma avenida em nova-iorque, tentando evitar de ser atropelado! Nem por milagre escapava!* – pensava António, tentando adivinhar como reagiria no caso de contacto com o inimigo.

À parte as mortes que teriam existido no seio dos Negociadores e que ninguém queria ou não sabia explicar pelo secretismo da coisa, o que se ficou a saber e sentir no corpo, foi que a guerra saiu de férias e nos dias seguintes a actividade dos Fiats e dos Heli-canhões continuou numa roda viva e toda a tropa se movimentava por toda a Guiné. A Rádio das Forças Armadas dava notícias a todo o momento, dando coragem e força anímica aos milhares de soldados espalhados por toda a Guiné, em contraponto com a Rádio de Libertação do Povo da Guiné, com posto na **GUINÉ-KONACRI**² e que nas suas emissões procurava desmoralizar e retirar coragem e força anímica aos mesmos soldados. Bastava rodar um pouco o botão do rádio a pilhas e ouvia-se em bom português os discursos de desmobilização e desmoralização, *Isto é nosso e daqui só haveis de sair deitados*, repetiam incessantemente as ondas de rádio que vinham de Konakri. Para compor o ramalhete, seguia-se música fúnebre!

António, foi-se apercebendo de quão poderosa e intensa é esta terra e foi percebendo o fascínio que os seus antepassados sentiram, ao navegarem em mares por portugueses nunca dantes navegados, e o porquê de tantos sacrifícios. Também se apercebeu o quanto esse sacrifício foi votado ao abandono pelos vindouros dessa epopeia e agora, quinhentos anos depois, quão oca e balofa era a frase - *Para África e em força* - carregando navios com jovens armados de metralhadoras, quando, anos antes, deveriam ir carregados de alfaías agrícolas, martelos e chave de parafusos. E já agora, carregados de sonhos de vida melhor, porque a vida que deixariam para trás, era pouco melhor do que miserável!

Esta África fascinava-o cada vez mais a cada passo dado em direcção ao seu negro coração e percebia o fascínio irresistível dos seus avós marinheiros!

Pensara estar em África, quando ainda em viagem, em pleno Atlântico acordou com um calor sufocante, pele húmida, pegajosa e garganta seca. Apesar de estar no alto-mar e sentir um aroma exótico, diferente e nunca experimentado e que lhe dificultava a respiração, verificou no dia seguinte, quando chegou ao cais de **PIDJIGUITI**, o Cais do Desassossego, que afinal o aroma respirado no Golfo, ainda não era o da África Negra. *Esta, sim*, disse, ao pôr o pé no Cais de Bissau, *Esta é a África Negra, Profunda e Intensa. A África que nos embebeda e enfeitiça!* Depois, verificou que não era bem assim. Esta África ainda continha alguns sabores a Europa, nesta

¹ IN - inimigo

² Guiné-Konacri, país vizinho e que dava todo o apoio ao PAIGC

Bissau travestida de preto e branco, mestiçada pela cor do ébano e oferecida por algumas louras de pernas abertas, vendendo carne à velocidade da Europa - *Vá lá pá, avia-te, que tenho mais que fazer!* - diziam, enquanto mascavam chiclete. Esta, ainda não era a África que seduziu um Povo de lavradores com braço de ferro e vontade férrea, Povo de marinheiros que se fez ao mar enfrentando adamastores e silenciando velhos do restelo, atrás dum sabor desconhecido e irresistível! Sentiu isso, quando ia a caminho de Brá, depois de deixar para trás a Bissau mesclada de sabores cruzados. E também sentiu quão estranha era esta terra, quando viu uma enorme pirâmide de cor avermelhada do que lhe pareceu ser terra, umas vezes ou outra coisa qualquer, outras vezes. Não perguntou nada no momento, por dois motivos; Primeiro, porque os que iam ao seu lado sabiam tanto como ele. Depois, a secura era tanta pelo ar quente em movimento contrário ao homimog que os transportava para o novo quartel, que de certeza que se abrisse a boca para falar, a garganta ficaria colada e as cordas vocais ficariam gripadas!

Agora, remirando melhor estas pirâmides com cerca de três metros de altura e mais de dois de largura na base e aspecto irregular em tronco de cone, espalhadas um pouco por todo o lado, António fica cada vez mais fascinado e intrigado!

- O que é isto?

- É um baga-baga. - responde um *velhinho*³.

- Um baga-baga? O que é um baga-baga?

- É um ninho de formigas.

- Um ninho de formigas? Pensei que as formigas fizessem os seus ninhos debaixo de alguma pedra ou junto a uma raiz!

- Isso é na metrópole, aqui, como chove torrencialmente, depressa ficariam afogadas e o sol é tão intenso que depressa ficariam cozidas. Estes ninhos são autênticos palácios de conforto e segurança e desafiam qualquer obra de engenharia feita pelo cérebro humano. Regulam a temperatura, a circulação do ar, a humidade e são quase impenetráveis. E não há papa-formigas que lhes chegue! Se lhe deres um tiro de G3, a bala não consegue penetrar e não causa estrago algum. E já agora - continuou o velhinho - se estiveres em combate, nunca te ponhas atrás dum Baga-baga, pois é certo e sabido que atiram metralha da pesada para cima dele e não é de bala, mas, sim, de roquetada. As balas de G3 não o furam, não penetram!

- Como assim?

- Como é um escudo tão seguro, há a tendência para a gente se colocar atrás dum Baga-baga, protegendo-se em caso de contacto com o inimigo. Eles sabem disso e mandam uma roquetada para cima do Baga-baga, esperando que alguém esteja ali escondido. Quem lá estiver, vai pelos ares aos bocados!

Pouco tempo depois, António comprovou isso mesmo.

Estavam no segundo dia duma operação. O ânimo estava por baixo. Muito por baixo.

Uns dias antes, tinham *perdido* o camarada Furriel Palma, um algarvio enorme, com um coração mole, bom, do tamanho do seu enorme corpanzil.

No primeiro dia de operação não houve qualquer contacto, mas era mais que provável que o mesmo viesse a acontecer! Era mais que provável que o PAIGC estivesse a controlar os movimentos de tropas com pouca experiência de guerra, primeiro, porque era habitual o PAIGC testar a tropa acabada de chegar ao cenário de guerra, como era o caso, e depois, porque deveriam saber da morte do Furriel Palma. Também era provável que elementos da população lhes fornecessem essas informações. Mais tarde, já com muita experiência de guerra, António comprovou isso mesmo. Que o PAIGC tinha na população a sua fonte de informação e dela obtinham as notícias de que precisavam para acertarem com precisão o tiro de morteiro e saberem o resultado da flagelação⁴. E não podia ser de outra forma. Pensar o contrário, seria ingenuidade! Afinal, eram todos primos e primas, tios e sobrinhos, pais e filhos e independentemente do lado que escolheram ou foram obrigados a escolher, o sangue que lhes corriam nas veias não era branco nem preto, mas o de África. Traidores, diz-nos a história, há sempre alguns, não chegando sequer a fazer minoria. Em 1640 tivemos alguns e embora seja de

³ VELHINHO – Tropa com muitos meses de comissão.

⁴ FLAGELAÇÃO – Acção que consistia em lançar granadas de morteiro de distância considerável!

admitir que houvessem muitos portugueses a relacionar-se com os espanhóis, tal facto não fazia deles traidores à pátria! E na hora do ajuste de contas, na vitória, há que ter o bom senso e lucidez de separar o trigo do joio, evitar vinganças, ser tolerante com quem teve que conviver com o inimigo e ser firme e intransigente com quem colaborou com o mesmo.

Na Guiné, era mais que provável que a situação fosse idêntica. Por isso, os Comandos de origem Africana afirmavam – *Se nos apanham, cortam-nos logo a cabeça!*

No ar, pressentia-se o contacto a todo o momento. No rosto de António, Augusto via o seu próprio medo e o camarada ao lado, via no rosto de Augusto, o seu e o medo de todos os outros camaradas! Medo e ansiedade, pois era o desejo de todos, que se tivesse algo para acontecer... que acontecesse. Rapidamente! Tal como um pecador, que anseia pelo confesso!

Os Comandos Africanos davam mostra de algum nervosismo! No olhar, adivinhava-se-lhes algumas hesitações!

No primeiro dia andaram mergulhados na selva. Tiveram o pressentimento que os Guias, homens experientes e conhecedores do terreno, estivessem perdidos. E todos, com eles. Falavam em Crioulo ou no Dialecto próprio e ninguém percebia o que diziam, mas dava para entender que tinham opiniões diferentes quanto ao rumo a seguir.

Veio a noite e escolheram um sítio para dormir. À catanada, abriram na vegetação uma espécie de túnel e por aí se enfiaram, bem para o interior da selva, para evitar serem surpreendidos pelo inimigo.

A noite na Guiné chega depressa. Em quinze a vinte minutos o Sol desaparece e fica escuro. Em céu aberto, a noite é clara. Na selva, no seu interior, a noite é medonha. Escura, negra, dantesca. Medonha de apertar o nó da garganta e fazer respirar de mansinho! Os sons são suaves, pianos, mais parecem murmúrios. A espaços, um piar de pássaro que não sabem identificar e que será de protesto, talvez, pelo sossego interrompido. Na época das chuvas, se já choveu e as águas escorrem, dá para ouvir os pingos sobrantes, grossos, somando volume em queda das copas das árvores, esbarrando nas folhas, chocando de ramo em ramo, de galho em galho, até chegar aos corpos encolhidos e lhes encharcar os ossos. Se chove, de chuva tropical, intensa e compacta, o som da batida sobre a folhagem é de tal modo ensurdecidor, que confunde os tímpanos e revolve o estômago!

- Parece que estamos dentro dum enorme tambor! – diz António para Augusto, ambos desnorteados com tamanho ribombar!

Se acompanhada de relâmpagos, coisa mais frequente, o silvo estridente e a luz do arco-eléctrico cortando a atmosfera acima das copas das árvores, chega-lhes à vista em forma fantasmagórica, atravessando os apertados espaços entre as copas das árvores e o seu intenso flash, apaga-lhes e acende-lhes as faces amedrontadas em ritmo psicadélico, agora em rostos assustados, parvos e apavorados pela fragilidade e impotência perante tamanho poder! Dentro da selva, debaixo do emaranhado cerrado da vegetação, não é o melhor sítio para se receber tão poderoso visitante, mas há que escolher entre dois perigos, que não entre dois inimigos, porque este, o relâmpago, chega-lhes iluminado, ruidoso em voz de trovão, o outro, o verdadeiro inimigo, pode chegar-lhes de mansinho, disfarçado, silencioso, negro e escuro como a noite dentro da selva.

- *A mãe natureza parece estar contra nós!* - pensa António - *mas na sua imensa Ciência e Equilíbrio das Coisas, envia-nos tão assustadores fenómenos, mas se o soubermos interpretar, verificamos que são apenas correcções às Mecânicas e Leis do Universo e após estas, as Coisas ficam melhores, ainda que por vezes a tragédia acompanhe e seja notícia nestes acontecimentos a que chamamos Fenómenos da Natureza! Neste caso, os relâmpagos que nos tolgem de medo e nos torna pequeninos e indefesos em noite escura, parecem estar ao lado do inimigo ao alumiar-lhe o caminho para o nosso Desassossego, trazem também uma coisa preciosa e indispensável à humanidade, que é o Ozono, gás raro e precioso para o ambiente, apenas fabricado nas descargas eléctricas na estratosfera e que nos protege de algumas radiações solares indesejáveis, nomeadamente, as radiações da gama UV-B!*

Mas na selva, encharcados até aos ossos e rejeitando a possibilidade de procurar descanso numa clareira⁵... *Aqui não, na clareira não podemos dormir, não é o local mais seguro para enfrentar o inimigo!* dizem os que percebem de guerra - dentro da selva, os relâmpagos podem

⁵ CLAREIRA – Espaço na selva sem vegetação.

ser um perigo, mas é preferível do que enfrentar o IN em campo aberto! Há que escolher entre dois perigos, que não, dois inimigos, porque o verdadeiro chega-nos pela calada e em bicos de pés!

- *Devíamos inventar guerras com pára-raios, guarda chuvas e amortecedores de som! E já agora, com chã quente, pois tenho o estômago frio, molhado e com saudades duma refeição feita ao lume!* - pensa António.

Neste primeiro dia de operação não choveu. Coisa rara em época de chuvas! Um dia sem chover!

Tomadas as precauções que se impunham, segurança montada, prepararam-se para dormir, pois o cansaço é por demais! A temperatura era fresca, os odores menos intensos, diferentes, diferentes do experimentado durante o dia, menos enjoados, menos doces, mas continuavam exóticos! Pelo menos para António, habituado a cheiros urbanos, poluídos, conduzidos por ar com fumos de fábricas, fumos dos carros, de tabaco e outra pestilências do progresso. Aqui, o odor era virgem, puro, genuíno e verdadeiro. Era o odor da África Negra, Profunda e Intensa! E Medonha!

As únicas peças deslocadas eram as narinas e as glândulas olfactivas dos soldados, não habituadas a cheiros naturais e sem poluição!

Estavam preparados para dormir. Cansados, exaustos, encolhidos, nem o medo lhes tirava o sono!...

Sem serem convidados, milhões de visitantes ávidos de sangue fresco e diferente, diferente porque acabado de chegar da Europa, diferente pelo sabor a outros temperos do "progresso" e ainda não *contaminado* pela pureza de África, invadiram o sono solto dos homens cansados e atacaram-nos furiosamente, antevendo o festim gastronómico dos sabores a Europa!

Éh pá, este sangue é de chupar e chorar por mais e lamber as beijas, tem um gosto esquisito, mas muito agradável. Donde vêm estes gajos desbotados? - dizia a anófeles para o seu guloso companheiro.

- Foda-se! - diz António - até por cima do camuflado ferram, tenho que espalhar o repelente⁶ por cima da roupa!

António sabia que ficava todo empolado e teve essa experiência quando chegou ao Golfo da Guiné e aí conheceu tão indesejáveis visitantes! Acordou todo empolado e nunca mais deixou de se coçar!

Causava-lhe inveja aqueles que se riam das vítimas dos minúsculos vampiros, porque haviam camaradas que dormiam que nem justos. Deveriam ter o sangue envenenado, e os mosquitos não queriam nada com eles!

- Vês? - dizia com ar do gozo o camarada Carvalho para António - olha para a minha testa, nem um papo, a tua parece um gelado coberto de mancarra, estás todo fodido!

- Deves ter sangue envenenado e eles fogem de ti como o diabo da cruz!

Ao outro dia, António *levantou-se* pior que estragado. Este *levantar* não tem nada a ver com o levantar que todos conhecemos. Levantar do chão da selva cada vez mais húmida e fria com o avanço da madrugada e a penetração da cacimbada⁷ que silenciosamente vai encharcando o corpo e arrefecendo os ossos, agora, com estes vampiros que não há fisga que os apanhe... Ah!... noite miserável, que se tivesse um GPS, metia as coordenadas e ia até Lisboa meter uma rolha na boca do homem que disse na televisão - *Para África e em força!*

Mas a guerra não era de vinil, tipo Solnado, o Raul que pedia ao inimigo cama e lençóis lavados para dormir e já agora, mosquiteiro, aqui, a guerra era de carne e osso e o inimigo não era o mosquito, que este, apenas quer um pouco do nosso sangue; o outro, o verdadeiro, quere-lo pelo todo!

Após uma longa noite, há que levantar e fazer-se à vida, que é como quem diz, procurar a morte para não morrer!

- *A guerra não foge!* - lembrou-se António das palavras do camionista de Lamego.

Andaram toda a manhã. Mais tarde, ficaram a saber que andaram às voltas, quase sempre no mesmo sítio, mas em plena selva é tudo semelhante, tudo igual, tudo verde, agora

⁶ REPELENTE - fazia parte da mochila de combate um tubo de repelente para afastar mosquitos.

⁷ CACIMBO - O que chamamos de orvalho. Em África é mais intenso.

com mais ruído, mais calor, mais odores e muito cantar de pássaros. Só com muita experiência é que alguém tem a certeza certa da orientação. O que não era o caso destes aprendizes de guerra e também dos Guias africanos, como se percebia e veio a verificar.

No ar, a tensão aumentava. No silêncio dos medos, pressentia-se que o “barulho” estava iminente!

De repente, rajadas de *costureirinhas*⁸ ouvem-se por todo o lado. O rasgar das folhas das arvores, dos galhos e ramos dilacerados, misturado com o som da metralha e por cima disto, deste metralhar, as vozes em português bem explicado e bem audível - *Filhos da puta, vão pra Lisboa para as vossas terras, isto é nosso!* - tudo isto põe-lhes a cabeça à roda, desorientados, sem saberem de que lado vem o Desassossego. Fazem o que têm a fazer; lançam-se no chão e procuram abrigo. Depois, há que procurar de que lado vem a borrasca e seguir o comando de quem tem mais experiência destas coisas. Nestas situações, há sempre alguém mais experiente!

Feito o balanço, António, entendeu que o seu grupo não estava seguro.

- Augusto - diz António - aqui estamos muito expostos, passa a palavra e vamos arrancar para trás daquele baga-baga. Ao meu sinal, arrancamos.

E de imediato arrancaram para trás do baga-baga. Na rapidez da vontade e na pressa de chegar ao cone de protecção, o grupo partiu-se, ficando metade no sítio onde estavam. António e parte do grupo estão agora atrás do baga-baga.

- **Saiam daí depressa!** - ouvem a voz de um Comando Africano, gritando para que rapidamente saíssem dali. António lembrou-se das palavras do velhinho.

- *Nunca te ponha atrás dum Baga-baga!* - e medindo um novo local de protecção, disse:

- Aqui é perigoso, vamos a rastejar até aqueles troncos, não quero ninguém de pé!

De imediato lançaram-se ao chão e rastejaram até aos troncos. Atrás de si, ouviram uma explosão, mas, nem se aperceberam onde. Já atrás dos troncos, viram que o baga-baga tinha ido pelos ares. Desaparecera! A carga deveria ser pesada, pois pouco restou da pirâmide. Apenas um pequeno monte de terra.

Ficou todo ou quase todo destruído. Uma ou mais roquetadas teriam acertado em cheio. Sorte a de António e camaradas! Desta vez, a fada madrinha veio em grito e sotaque africano e vestida de negro. A cor da vida! Voz negra, que desta vez, foi o canto da vida!

Terminada barafunda, havia que reunir as tropas. Os grupos em combate estavam dispersos. Uns para cada lado. Demorou algum tempo a reunir toda a gente. Não havia ninguém ferido, nem mortos a lamentar. Naqueles poucos minutos, o tempo tinha parado. Era como se não tivesse existido!

Uma eternidade de tempo, sem tempo. Como se não existisse. Se não fosse a voz do Comando-Africano, - **Saiam daí depressa!** - ouvida no meio de tamanha barafunda e de tamanha metralha, António não saberia explicar em que se ocupa a mente numa situação daquelas. Era um vazio do nada! Talvez percebendo o que é um Buraco Negro, coisa que se calhar ninguém percebe; Ausência de Matéria? Antimatéria? Afirmação duma não Existência ou Negação duma Existência? E se for a fusão de Tempo/Espaço e uma vez nele entrado, encontramos explicação para a origem das coisas? A Primeira Dimensão do Universo? O Ponto Zero! O Bing-Bang!

António não tem a certeza de ter havido ou ouvido uma voz - *Saiam daí depressa!* Não tem a certeza se existiu aquela fracção de tempo. Sabe que o seu cérebro recebeu a mensagem - *Saiam daí depressa* e também sabe, que no meio daquela confusão infernal, daquele metralhar, daquela gritaria, *Filhos da puta vão para Lisboa...* era quase impossível ouvir qualquer mensagem, expressamente dirigida ao seu grupo. Mas ouviu-a, mesmo que não existisse. Talvez tenha penetrado no buraco negro e aí, o Tempo se tenha fundido com o Espaço entrando na **primeira dimensão das coisas** e aqui, uma **voz celestial** em jeito de mensagem, fez-se ouvir sem ruídos, som cristalino, afinação impossível, acima de todos os outros sons, e tenha chegado ao cérebro decodificada, ***Saiam daí depressa!..***

Passado o frenesim e o efeito narcótico da adrenalina, veio o Sentir a Guerra. O suor, o pó, a pólvora e o cheiro a medo e a morte! A sinfonia da metralha que embora já desligada, ainda continuava na cabeça! A garganta estava seca, áspera e uma sede intensa queima e abraça

⁸ COSTUREIRINHAS – nome dado pelas tropas portuguesas às metralhadoras Kalashnikov de fabrico soviético e utilizadas pelos guerrilheiros do PAIGC.

todos os poros do corpo. Parecia que tinham saído do interior dum vulcão, tal era a secura. António pegou no cantil, desarrolhou-o e bebeu uma tampa, pouco mais que um dedal. Sorriu ou pensou que sorriu. O seu cérebro estava a funcionar bem. Lembrou-se do Sargento-armário e da regra número um; - *no mato a água é mais importante que a comida e deve ser poupada até à vista do quartel*. Se tivesse urina, continuava a sorrir! Encheu mais uma rolha e molhou os lábios. Voltou a sorrir! Tinha razão o Sargento Martins! - pensou! A mente estava a funcionar bem! Pequenos nadas, podem fazer a diferença entre o Ser e o deixar de ser!

Durante o tempo de contacto, curto, mas, com demora de eternidade, o camarada do rádio pediu apoio aéreo.

Os Fiats ou Helis tardavam em chegar e para a operação em si, já não eram necessários.

Não era provável que o PAIGC atacasse de novo, pois sabiam que estavam numa fase de operar em pequenos grupos e com grande mobilidade. Atacavam rápido, insultavam e punham-se ao fresco, embrenhando-se na selva, sua casa e santuário que tão bem conheciam. Para parecerem muitos, ainda no mesmo dia, atacavam noutra sítio, afastado deste!

Cerca de meia hora depois, os Fiats passaram por cima e despejaram algumas bombas. Provavelmente sem qualquer resultado.

Uma hora depois, estavam reunidos todos os operacionais. Os Comandos africanos, Guias da operação, demonstravam pouca segurança quanto ao local onde se encontravam!

Estabelecido contacto via rádio com o quartel, encetaram o regresso ao mesmo e para grande surpresa, verificaram que estavam muito perto e a tropa no quartel ouviu o barulho das armas disparadas de ambos os lados e preparava-se para sair em auxílio dos camaradas dos Comandos. À vista do quartel, António pega no cantil e despeja-o pela garganta abaixo. Bebe, bebe lentamente, não era fresquinha, mas era Maná.

Durante três dias deixou-se ficar quieto, nu, deitado de pernas e braços ligeiramente abertos de barriga para cima, descansando e recuperando dos momentos vividos.

Durante três dias bebeu, bebeu água, muita água e sempre com sede. Com muita sede.

Era a sede de vida contra a secura da morte!

No resto da sua vida, a mensagem, - *Filhos da puta, vão pra lisboa para as vossas terras, isto é nosso!* chegou ao cérebro com impacto que fere mais do que bala, mensagem com força de morte psicológica de personalidade, alterou em António toda a filosofia no modo de ver as coisas. Acredita, que o mesmo se passou com todos os seus camaradas que pisaram a Guerra de África!

- *Saiam daí depressa!*

...é a mensagem reenviada para todos os que, fora de portas, desassossegam as gentes que estão nas suas casas!



- Que é isto? – pergunta António Daborda a um *velhinho*.
- É um baga-baga.
- O que é um baga-baga?
- É um ninho do formigas...quando estiveres em combate, nunca te ponhas atrás de um baga-baga!...